

**SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO:  
AS CRENÇAS DOS GRADUANDOS NO CURSO DE LETRAS**

Rebeca Louzada Macedo (UEL)  
[rebeca.macedo@yahoo.com.br](mailto:rebeca.macedo@yahoo.com.br)

**RESUMO**

Com respaldo nos estudos da pedagogia da variação linguística (BORTONI-RICARDO, 2004, 2005 e 2008; FARACO, 2002 e 2008), que compreende como função da escola a garantia do acesso dos falantes à variedade culta, sem deslegitimar a variedade que o discente leva à instituição de ensino, o presente trabalho objetiva investigar se a formação acadêmica influencia as crenças dos futuros professores de língua portuguesa quanto às variedades da língua e a sua importância no ensino. A metodologia deste trabalho consistiu na análise quantitativa e qualitativa de um questionário de crenças aplicado em alunos de primeiro ano e formandos em letras da Universidade Estadual de Londrina. Esta pesquisa justifica-se no conceito de que a crença do professor a respeito das variedades linguísticas influencia em sua prática, e poderá influenciar nas crenças e atitudes linguísticas dos alunos e no seu aprendizado. (BORTONI-RICARDO, 2005; CAMACHO, 2003; CYRANCA, 2014)

**Palavras-chave:** Variação linguística. Crenças. Formação.

**1. Introdução**

Os estudos sociolinguísticos de viés variacionista avançaram e têm conduzido à compreensão das variedades linguísticas e de suas motivações tanto sociais quanto linguísticas. O avanço destes estudos permitiu que a academia conhecesse as diversas normas, propostas formalmente por Carlos Alberto Faraco (2008), dentre elas a norma padrão e a norma culta, que diferem entre si.

No entanto, uma proposta de aplicação dos conhecimentos acadêmicos no ensino de língua portuguesa na escola básica está surgindo, os proponentes são, dentre outros, Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Carlos Alberto Faraco (2002, 2005 e 2008), Roberto Gomes Camacho, Lúcia Furtado de Mendonça Cyranca. Esta proposta denomina-se pedagogia da variação ou sociolinguística educacional.

O presente trabalho pretende investigar o quanto os professores em formação já estão sendo afetados por esta nova proposta de ensino, analisando quais as crenças que estes professores possuem a respeito da variação linguística na fala dos alunos e das posturas que o professor deve adotar quanto a ela.

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Para tanto, aplicou-se um questionário de crenças em alunos de primeiro e quarto (último) ano do curso de licenciatura em letras vernáculas e clássicas da Universidade Estadual de Londrina. O questionário foi analisado a partir do conteúdo das respostas, sendo subdividido nos temas propostos pelas questões.

Esta pesquisa pauta-se nas constatações de que as crenças que os professores possuem em relação ao ensino de língua portuguesa e à variação linguística influenciam nas crenças que os seus alunos terão sobre sua competência linguística.

### 2. *Referencial Teórico*

#### 2.1. A sociolinguística e o ensino de língua portuguesa

Na década de 70, os estudos sociolinguísticos passaram a crescer e a ter maior visibilidade, protagonizados por William Labov (2008), seu objetivo era sistematizar a língua em sua forma real e heterogênea, pois, “a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais”. (LABOV, 2008, p. 238)

No Brasil, projetos de âmbito nacional, como o NURC, o ALiB, o PHPB e outros de esferas locais têm pesquisado as variedades linguísticas a fim de sistematizar as variedades da língua no Brasil, de acordo com s variáveis sociais, estilísticas, geográficas e históricas. Pesquisadores como Ataliba Teixeira de Castilho (1991, 1998, 1999), Roberto Gomes Camacho (1984, 1988, 2001), Carlos Alberto Faraco (2002, 2005 e 2008), Rosa Virgínia Mattos e Silva (2004), entre muitos outros realizaram e ainda realizam pesquisas sociolinguísticas de fôlego com o objetivo de descrever a língua portuguesa como ocorre no Brasil.

No entanto, como pontuado por Sírio Possenti (2002), tais pesquisas ainda não resolveram os problemas com relação ao ensino de língua portuguesa, muitos são os problemas do ensino de língua materna, deixar todos por conta da sociolinguística é irreal, mas um dos problemas que vêm afetando o ensino encontra-se no âmbito da sociolinguística e está na distância do português vernáculo para a norma padrão ensinada na escola.

Carlos Alberto Faraco (2002) diferencia a norma padrão e a norma culta, neste trabalho serão utilizadas tais expressões de acordo com a aceção do autor, para quem a:

*norma culta* deve ser entendida como designando a norma linguística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade), por alguns grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita, em especial por aquela legitimada historicamente pelos grupos que controlam o poder social. (FARACO, 2002, p. 40)

Já a norma padrão é um fenômeno abstrato, tornando-se uma referência que se encontra acima dos dialetos e variedades da língua e atuando como força centrípeta. A norma culta e a norma padrão não devem se confundir, mas a norma culta é a que mais se aproxima da norma padrão em sua abstração. (FARACO, 2002, p. 42)

Conceituando-se as normas e variedades, surge o questionamento sobre o papel da escola que se depara com a heterogeneidade da língua e a função de ensinar a norma padrão que lhe é atribuída. De um lado há alunos detentores do vernáculo muitas vezes distante da norma culta e de outro a norma padrão ideal e abstrata. Em meio a este duelo, está a questão ideológica que permeia a norma culta de poder e lança as variedades vernaculares à estigmatização.

Assim, não se trata apenas de uma questão curricular, mas o ensino de língua portuguesa encontra-se, assim como todo o ensino formal, em uma encruzilhada ideológica, em que as suas ações podem facilitar ou dificultar o acesso ao poder. Como afirma Maurizio Gnerre (1994, p. 22, *apud* CYRANCA, 2014, p. 82): “A começar do nível mais elementar de relações com o poder, a linguagem constitui o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder”.

Diante deste problema, diversos autores apresentaram propostas denominadas sociolinguística educacional e pedagogia da variação linguística (BORTONI-RICARDO, 2005; CYRANCA, 2014; FARACO, 2015) com o intuito de apontar o papel do ensino de língua portuguesa diante dos problemas pontuados e encontrar metodologias que sirvam a este papel.

Sociolinguística educacional é o termo que vem sendo utilizado por Stella Maris Bortoni-Ricardo (2005) em suas publicações sobre o assunto, para referir-se “a todas propostas e pesquisas sociolinguísticas que tenham por objetivo contribuir para o aperfeiçoamento do processo educacional, principalmente na área do ensino de língua materna” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 128). No presente trabalho, este termo será utilizado a partir da aceção da autora.

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Para o desempenho de uma ação relevante da sociolinguística na educação, Stella Maris Bortoni-Ricardo (2005) volta-se para o conceito da pedagogia culturalmente sensível proposto por Erik Erickson (1987 *apud* BORTONI-RICARDO, 2005) que tem o objetivo de criar na escola ambientes de aprendizagem em que os alunos possam participar socialmente e desenvolvam rotinas de fala e escrita presentes em sua cultura. Tal proposta requer mudanças na postura dos professores e alunos e também da sociedade em geral, pois a escola precisa preparar-se para respeitar às características culturais e linguísticas dos alunos, permitindo que estes mantenham a autoestima e tornando viável “sua integração na cultura escolar, que lhes é razoavelmente estranha”. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 144)

Assim, um dos objetivos do ensino de língua portuguesa é revisado e passa a ser compreendido, de acordo com Lúcia Furtado de Mendonça Cyranca (2014), como possibilitar ao aluno o desenvolvimento da norma culta, adicionando-a ao seu repertório linguístico, sem a intenção de substituir sua variedade vernacular.

Para que este objetivo seja alcançado, é preciso, de acordo com as autoras supracitadas, formar professores que possam estabelecer na aula de língua materna um ambiente “culturalmente sensível”, que conheçam as possibilidades da língua heterogênea e que possam atribuir a questões sociais e não linguísticas a estigmatização de algumas variedades. Os cursos de formação inicial constituem um dos agentes responsáveis para que os professores tenham esta postura, por isso, neste trabalho observam-se as influências do curso de formação de professores de língua portuguesa nas crenças dos graduandos.

### **2.2. Crenças e atitudes nas escolas: o que os professores e alunos pensam do ensino de língua?**

O estudo de crenças e atitudes surgiu no espaço da psicologia social, proposto por William W Lambert e Wallace E Lambert (1973), tal estudo busca descobrir quais são as noções de senso comum presentes no julgamento social e verificar a validade dessas noções. Para os autores, as crenças fazem parte do conjunto de fatores que elaboram as atitudes de um sujeito. As atitudes são as expressões e comportamentos que demonstram os julgamentos de valor diante de pessoas, instituições, línguas e etc.

William Labov (2008) realizou uma pesquisa sobre crenças na ilha de Martha's Vineyard e em seu trabalho conceituou as crenças são “um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são partilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão”.

A partir destes conceitos nota-se que as crenças e atitudes de um sujeito diante da linguagem são inerentes umas às outras, influenciando seu comportamento diante de outros sujeitos falantes, realizando julgamentos e muitas vezes afetando seus relacionamentos, pois a partir destas crenças e atitudes, os sujeitos formatam seus preconceitos estabelecendo quais as formas que preferem prestigiar e estigmatizar.

Em seu trabalho sobre crenças e atitudes de professores e alunos a respeito das variedades linguísticas, Lúcia Furtado de Mendonça Cyranca (2014) ressalta a importância do papel da escola na formação de crenças e atitudes dos alunos, citando os trabalhos de Cláudia Roncarati (1979) e Emmanoel dos Santos (1976).

A partir destes conceitos, o presente trabalho pretende explorar se as crenças dos professores em formação sobre as variedades linguísticas e a sua relevância no ensino de língua portuguesa são alteradas no curso de licenciatura em letras vernáculas e clássicas.

### **3. As crenças dos professores em formação**

Para a realização desta pesquisa, aplicou-se em turmas de primeiro e quarto anos noturnos um questionário composto por oito questões abertas, quatro questões são referentes ao ensino de língua portuguesa e a abordagem da variação linguística em sala de aula e as outras quatro questões abordam as crenças sobre a variação linguística. Neste artigo serão analisadas as questões do primeiro bloco, que abordam o ensino e a sua relação com a variação linguística.

Os questionários foram aplicados no final do primeiro semestre de ambas as turmas, na turma de quarto ano foram obtidos nove questionários respondidos e na turma de primeiro ano foram obtidos quatorze. Como se tratam de questões abertas, as questões foram analisadas qualitativamente, a partir da análise de conteúdos e subdivididas em temas mais recorrentes nas respostas.

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

Para a apresentação e análise de resultados, as respostas icônicas foram integralmente apresentadas e todas foram distribuídas nas tabelas, os alunos do primeiro ano são apresentados nas tabelas a partir de números antecedidos pelo algarismo (1) e os do quarto ano, antecedidos pelo algarismo (4).

Seguem as respostas dadas às questões relacionadas ao ensino de língua portuguesa e a abordagem da variação linguística na sala de aula: “Quais os objetivos das aulas de língua portuguesa no ensino fundamental e médio?”

TEMAS RECORRENTES	1º ANO	4º ANO
<b>Norma Padrão/Culta</b>	11, 14, 15, 17, 18, 113, 114	
<b>Letramento</b>	12	48, 45, 47
<b>Ensino da Língua Materna</b>	11, 13	44
<b>Vestibular</b>	15, 16, 114	
<b>Compreensão de textos e discursos/gêneros</b>	19	42, 43
<b>Comunicação</b>	111, 112	41, 43
<b>Estimular leitura e produção oral e escrita</b>		42, 43, 46
<b>Formação Crítica</b>		43, 46
<b>Reflexão sobre a Língua</b>	112	49
<b>Ensino gramatical</b>	110	

**Tabela 1: “Quais os objetivos das aulas de língua portuguesa no ensino fundamental e médio?”**

Sobre os objetivos do ensino da língua portuguesa no ensino básico, a maioria dos alunos do primeiro ano referiram-se de maneira simplista ao ensino da norma culta, muitas vezes remetendo-se a esta como a norma correta, como verificado na resposta do aluno 11:

Ajudar o aluno a desenvolver a fala e escrita corretamente, seguindo as normas e padrões descritivos e normativos independente da sua língua materna, o ensino deve ensinar o aluno a desempenhar todos os ensinamentos da língua, sem preconceito.

Alguns deles também se referiram à importância do ensino da língua materna, realçando o seu bom uso, dentre eles encontra-se apenas um aluno do quarto ano, que apresentou a seguinte resposta: “Eu acredito (por experiência própria) que deveria ter como objetivo o aprimoramento da “nossa” língua mãe”. (aluno 44).

Outros alunos do primeiro ano voltaram-se ao vestibular, tema muito valorizado pela mídia e sociedade em geral, pois representa a maior parte das preocupações dos alunos, professores e escolas do ensino básico. Isto pode ser verificado nas respostas do aluno 15: “O objetivo é

passar claramente as normas linguísticas, com o intuito de realizar o vestibular”.

A maioria dos alunos de quarto ano apresentou respostas mais completas, referindo-se ao ensino de gênero, ao letramento e aos estudos literários. Seguem as respostas dadas pelo aluno 42: “Assimilar as normas, variações e a história da língua, suas relações com o texto oral e escrito em todos os gêneros além de estimular os estudos literários”.

Houve também, dentre os alunos do quarto ano a referência ao desenvolvimento do pensamento crítico: “Em teoria, as aulas têm o objetivo de desenvolver a linguagem, o pensamento crítico e a capacidade de raciocinar, compreender e utilizar palavras em suas diferentes formas e contextos”. (aluno 46).

Nota-se a partir das respostas à primeira questão que as crenças em relação ao objetivo do ensino de língua portuguesa são alteradas tornando-se mais sofisticadas quando os alunos alcançam o final do curso. No entanto, os alunos do primeiro ano já apresentam os termos próprios do conhecimento sociolinguístico e apenas um deles apresentou o ensino gramatical como o principal objetivo do ensino de língua portuguesa. Isso se deve muito provavelmente ao ensino maciço de sociolinguística no primeiro semestre, em que os alunos do primeiro ano trabalharam intensivamente com o tema “linguagem e identidade”.

A seguir apresentam-se as respostas dadas para a segunda questão sobre ensino e variação: “O que os professores de língua portuguesa devem fazer a respeito das diferenças entre a língua falada no dia a dia e aquela ensinada na escola?”

Temas recorrentes	1º ano	4º ano
<b>Ensinar/ Mostrar a variação linguística (estão em negrito aqueles que apresentaram a questão do preconceito linguístico em sua resposta)</b>	13, 14, 15, 16, 18, 19, 112, 113	42, 45, 46, 48, 49
Ensinar a norma padrão, respeitando as outras variedades	11, 17, 112	45, 47*
Preparar para a transição entre as variedades		41, 43, 49
Mostrar que ambas são válidas	12	
Melhorar a formação	111	
Mudar a metodologia	114	
Gêneros		48
Ensinar a forma correta	110	

**Tabela 2: “O que os professores de língua portuguesa devem fazer a respeito das diferenças entre a língua falada no dia a dia e aquela ensinada na escola?”**

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

Um aluno do primeiro ano apresentou a resposta que infere que as diferenças linguísticas configuram erro, sua resposta consistiu em: “Ensinar o sistema corretamente” (aluno 110). Mas a maioria deles apresentou respostas que consideram as variações linguísticas importante tema a ser tratado em sala, ressaltando para cinco alunos do primeiro ano e um do quarto ano que se referiram ao preconceito linguístico como tema importante no momento de tratar as diferenças.

Os alunos do quarto ano ressaltaram a questão da transição entre as variedades, apresentando maior propriedade nos conhecimentos sociolinguísticos. Como defendido pelo aluno 43: “O professor de língua portuguesa deve orientar o aluno a como utilizar a fala do aluno em sala em vários contextos sociais, que não existe modo certo e errado e sim uma de saber quando e onde usar o formal e o informal”.

Para a questão “As diferenças entre falares de grupos diversos devem ser abordadas em sala? Se sim, como?” todos os alunos responderam “sim”, seguem na tabela as respostas que discorrem sobre a maneira adequada de realizar esta abordagem:

<b>Temas recorrentes</b>	<b>1º ano</b>	<b>4º ano</b>
<b>Debates, teatros, demonstrações culturais, trabalhos, conferências, filmes, músicas, etc.</b>	16, 19, 111	42, 44
<b>Sem preconceito</b>	11, 15, 114	46, 47
<b>Apresentação de todas as possibilidades/ variedades</b>	18	43, 46
<b>Textos orais</b>		45, 49
<b>Reflexões</b>		48, 49
<b>Leituras e trabalhos com os gêneros</b>		48
<b>Ressaltar a importância do respeito à fala de cada um</b>		15
<b>Esclarecer, mas não ensinar as variedades</b>		17
<b>Apresentação da Linguística</b>	113	
<b>Separação das áreas</b>	112	
<b>Não sei</b>	13	

**Tabela 3: “As diferenças entre falares de grupos diversos devem ser abordadas em sala? Se sim, como?”**

Nota-se que a maioria dos alunos ainda não elaborou e desconhece maneiras para inserir a variação linguística no trabalho do dia a dia escolar, relegando este assunto às atividades consideradas especiais pelos alunos e professores, como teatros, debates, filmes e etc.

Os alunos do quarto ano apresentaram maior facilidade ao relatar possíveis metodologias, referindo-se aos temas frequentemente abordados no curso de licenciatura como o ensino a partir de gêneros.



Observa-se que não há diferenças entre as crenças das duas turmas, visto que ambas consideraram importante o trabalho com o tema, há apenas a competência aprimorada dos alunos do quarto ano que possuem maior domínio teórico e prático para elaborar suas metodologias.

Para a quarta e última questão analisada neste trabalho seguem as respostas na tabela 4:

“As aulas de língua portuguesa devem abordar os falares estigmatizados? Quando os alunos apresentarem falas estigmatizadas, qual deve ser a atitude do professor de língua portuguesa?”

<b>Temas recorrentes</b>	<b>1º ano</b>	<b>4º ano</b>
<b>Abordar a variação e o preconceito</b>	11, 13, 17, 19, 112, 114	42, 46, 49, 45
<b>Não apontar como erro, mas ensinar sobre a adequação aos contextos</b>	113, 114	41, 43, 47, 48
<b>Abordar demonstrando o seu valor</b>	111	41
<b>Sim</b>	14, 15	
<b>Aconselhar individualmente quando houver problemas comunicativos</b>	112	
<b>Não tenho opinião formada, ainda</b>	18	

**Tabela 4: “As aulas de língua portuguesa devem abordar os falares estigmatizados? Quando os alunos apresentarem falas estigmatizadas, qual deve ser a atitude do professor de língua portuguesa?”**

Todos os alunos do primeiro e quarto ano acreditam que o professor deve abordar as variedades estigmatizadas em suas aulas e a maioria referiu-se ao preconceito linguístico, como apresenta o aluno 11: “Abordar sem preconceito para não prejudicar o aluno quanto ao aprendizado”.

Dois alunos do primeiro ano e quatro do quarto ano referiram-se à questão da adequação, como o aluno 43: “Sim, pois excluir outros falares prioriza uma única fala, o que deve mostrar ao aluno as diferenças e o lugar exato para se falar informalmente ou não”. E o aluno 48: “Sim. Propor uma reflexão sobre os falares (todos) ressaltando que não há erro, mas inadequações. Se o falar estigmatizado for de ordem regional, mostrar que não existe erro nem inadequação, apenas uma forma diferente”.

Diante destes resultados, nota-se pouca diferença nas crenças dos alunos de primeiro e quarto ano, considerando que os últimos apresentam maior domínio dos conteúdos pertinentes ao assunto, por isso apresentaram respostas mais elaboradas principalmente no que se refere às metodologias.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

4. *Considerações finais*

O objetivo da presente pesquisa inscreve-se no âmbito das crenças dos professores de língua portuguesa que se encontram em formação. A partir dos estudos sobre a sociolinguística educacional verificou-se que as crenças dos professores são importantes para a formação das crenças e atitudes dos alunos. Devido a este fator, visou-se investigar neste trabalho a relevância do curso de licenciatura em letras vernáculas e clássicas na formação das crenças destes professores.

A partir da aplicação de um questionário e da análise qualitativa das respostas dadas por alunos de primeiro e quarto ano, a pesquisa mostrou-se inconclusiva para determinar a influência do curso de letras, visto que os alunos do primeiro ano já haviam tido forte contato com as teorias sociolinguísticas no primeiro semestre.

Já que os alunos de primeiro ano utilizaram os termos técnicos do campo sociolinguístico em suas respostas, é possível supor que estes tiveram suas crenças influenciadas pela formação acadêmica, mas seria necessário confirmar tal suposição com uma pesquisa mais categórica no início do primeiro semestre do primeiro ano de formação de professores de língua portuguesa.

As diferenças notadas nas respostas dos alunos de primeiro e quarto ano deveram-se principalmente à formação técnica, visto que os alunos do quarto ano apresentaram maior domínio das teorias, o que é natural, já que estes estão sendo aprendendo conceitos e métodos há mais tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2004.

\_\_\_\_\_. *Nós chegemu na escola, e agora?* São Paulo: Parábola, 2005.

CAMACHO, Roberto Gomes. *Norma culta e variedades linguísticas*. Disponível em:

<<http://www.acervodigital.unesp.br/group/stream/123456789/01dy17t03.pdf>>. Acesso em: 12-08-2014.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua portuguesa. In: BAGNO, Marcos. (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

CYRANCA, Lúcia Furtado de Mendonça. *Dos dialetos populares às variedades cultas: a sociolinguística na escola*. Juiz de Fora: UFJF, 2014.

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos. (Org.) *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 37-61.

\_\_\_\_\_. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. *Psicologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968

POSSENTI, Sírio. Um programa mínimo. In: BAGNO, Marcos. *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

RONCARATI, Cláudia. Avaliação linguística: identidade e ideologia. In: *Boletim da Abralin*. Maceió: Ufal, 1979, p. 243-247.

SANTOS, Emmanoel dos. *Certo ou errado? Atitudes e crenças no ensino da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Graphia, 1996.